



OPINIÃO JOSÉ CARLOS VILHENA MESQUITA | Historiador e professor universitário

A história do Biquíni e a Praia de Monte Gordo

Costuma dizer-se, com fantasiosa imaginação, que a criação do biquíni teve origem no racionamento de tecidos e no baixo poder de compra das mulheres, durante o período da II Guerra Mundial. Se o objetivo era reduzir custos e racionalizar recursos, nada mais inteligente do que reduzir o tradicional *maillot* de praia aos seus dois elementos essenciais.

Na verdade, foi no decurso dos derradeiros dias da guerra, que um francês, engenheiro de automóveis, de seu nome Louis Réard, desenhou o traje de praia feminino na sua forma mais reduzida, criando assim um novo modelo, a que deu o nome de «biquíni». Lembrou-se dessa designação porque a sua criação era uma verdadeira bomba atómica no mundo da moda. Ora, como dias antes, em Julho de 1946, os Estados Unidos haviam realizado testes nucleares na Micronésia, destruindo por completo o Atol de Bikini, nas Ilhas Marshall, no Oceano Pacífico, pareceu-lhe que esse nome poderia ser adotado pelo seu novo modelo de praia, como uma forma de homenagem, mas também de protesto, pela destruição do ambiente e pelo uso de armas de extermínio maciço.

Todavia, o projeto era tão ousado que nenhuma modelo, habituada a desfilar nos certames da moda internacional, se dispunha a usá-lo em público. Apesar de habituadas ao mundanismo da moda, as jovens modelos negaram-se a exibir o biquíni por lhes parecer de uso indecoroso e despuadorado.

Para contrariar essa espécie de boicote moral, Louis Réard teve de contratar uma stripper, de corpo escultural e sem pruridos éticos, chamada Micheline Bernardini, que se dispôs a usá-lo num desfile de moda, junto a uma piscina, em Paris. Nesse dia, 11 de julho de 1946, nascia oficialmente o biquíni. O impacto visual do desfile parisiense teve um enorme estrondo na imprensa internacional, cujo escândalo social foi avassalador, tornando-se de facto numa verdadeira “bomba atómica” lançada sobre o mundo da moda.

Imoralidade e pudor

Não se pense, porém, que o biquíni alcançaria um êxito rápido e quase imediato, como é costume acontecer na moda. Bem pelo contrário. A maioria das nações do mundo livre reprovou o seu uso, restringindo-o às piscinas públicas e a certas praias menos frequentadas. E não se pense que hoje é muito diferente, porque em muitos países árabes é proibido o uso do biquíni nas praias, como se tratasse de uma afronta ao pudor e aos bons costumes corânicos.

Curiosamente, no primeiro concurso de Misse Mundo, realizado em Londres em 1951, proibiram-se as concorrentes de sequer tentarem experimentar o uso de biquíni no desfile final do certame. O argumento sustentado pelos membros do júri era, mais uma vez, o da preservação da moral e dos bons costumes.

Para que o mundo desse esse passo em frente precisava-se de uma mulher corajosa, que não tivesse medo de enfrentar a oposição dos mais conservadores e até da própria igreja, que contestava os excessos e liberdades da moda. Essa mulher, corajosa e desafiante, surgiu em 1953, durante o Festival de Cannes, na figura da jovem e deslumbrante atriz francesa Brigitte Bardot, que desceu à praia daquela famosa estância turística com um

revolucionário biquíni, desenhado com motivos florais, como se a própria Eva voltasse de novo ao convívio dos mortais pecadores.

A bela diva do cinema, tem hoje 84 anos de idade. Está há muito retirada dos olhares públicos. Lembramo-nos dela pela sua deslumbrante beleza física, pela sua luta contra o uso de peles no vestuário da moda, pela sua cruzada na proteção dos animais domésticos e selvagens. Mas certamente já poucos se lembrarão que ela foi a primeira mulher a usar um biquíni em público, desafiando os falsos pudores desta sociedade de hipócritas sibiritas, em que ainda hoje vivemos.

A partir de então, as mulheres de todo o mundo passaram a usar os provocantes biquínis, cada vez mais curtos e ousados, para afirmarem a sua liberdade e a sua independência, sem medo de serem, por isso, acusadas de atrair a si os olhares concupiscentes dos homens.

Ingrid Bergman na praia de Monte Gordo

O que talvez poucos saibam é que a atriz sueca, Ingrid Bergman, esteve em Agosto de 1963 na praia de Monte Gordo, numa viagem de surpresa ao Algarve. Instalou-se no conhecido Hotel Vasco da Gama, então com cinco estrelas, e desceu à praia com um provocante biquíni. Quando se soube que a atriz do filme «Casablanca» estava na praia e de biquíni, juntou-se logo um magote de gente em silêncio, mas de boca aberta. Nunca os pescadores de Monte Gordo, nem tão pouco os veraneantes, quase todos alentejanos, tinham visto uma mulher, assim, tão bela e tão provocante.

A deslumbrante apaixonada de Humphrey Bogart, no inesquecível «Casablanca» – considerado um dos melhores filmes da história do cinema – já então premiada com dois óscares de melhor atriz, acabara de filmar nesse ano, para televisão sueca, a conhecida peça «Hedda Gabler», um clássico do século XIX da autoria de Henrik Ibsen. Nela encarnava a personagem de Hedda, uma mulher fútil e ambiciosa, que casara por dinheiro com um homem que nunca amara. O desempenho desse papel deixou Ingrid bastante extenuada, pelo realismo com que interpretou as pretensões frustradas da personagem, cuja infelicidade originou, na peça, a depressão e consequente suicídio.

Na vida real, Ingrid Bergman passava também por uma situação desconfortável. Primeiro foi a relação amorosa, em 1949, com o célebre realizador italiano, Roberto Rossellini, quando ambos eram casados e tinham filhos. Depois foi o escândalo, que abalou o mundo do cinema, quando ambos foram considerados adúlteros. E nessa condição tiveram o primeiro filho. Em 24-5-1950 casaram-se, e tiveram mais dois filhos. Essa paixão, nascida do cinema, durou até 1957, ano em que se divorciaram. Em 1958 a diva de Hollywood casou-se com o produtor de cinema Lars Schmidt, seu compatriota, com quem viajou em 1963 pela costa mediterrânica até ao Algarve.

Acrescente-se que a década de sessenta ficou marcada em Hollywood pelo género *beach movie*, que trouxe para o grande ecrã o biquíni como símbolo da cultura jovem, que via nas praias da Califórnia, e na música dos Beach Boys, a expressão natural da sua liberdade. Em 1963 estreou-se o filme «Beach Party», o primeiro dos cinco realizados por

William Asher, nos quais se consagrou o uso do biquíni como ícone da liberdade feminista.

Multada por usar biquíni

Nunca se soube ao certo, por que razão Ingrid Bergman viajou até ao Algarve naquele verão de 1963. Pensa-se que o marido veio à descoberta dos paraísos naturais do sul peninsular, atraído pela intensa luz da orla costeira, considerada mais forte do que a de Hollywood. Nessa altura, já se falava nas deslumbrantes praias do Algarve, de areia fina e dourada, de águas límpidas e tépidas. Pela mão de jornalista estrangeiros, e sobretudo de artistas consagrados, como Cliff Richard, Olivia Newton-John, ou Bruce Welch guitarrista dos The Shadows, que tal como outras figuras da *pop music* havia comprado casa em Albufeira. A partir de 1965, com a inauguração do aeroporto de Faro, foram dezenas de figuras públicas da música e do cinema que visitaram o Algarve, sobretudo a Praia da Rocha, a costa de Lagos, e a castiça praia dos pescadores em Albufeira. Na imprensa estrangeira dizia-se que Albufeira seria em breve a nova Saint Tropez de Portugal. E o Café Bailote era o fulcro internacional da arte e da cultura.

Ingrid Bergman quando esteve em Monte Gordo tinha 48 anos, e era ainda uma mulher de deslumbrante beleza, quando desceu à praia em provocante biquíni. Não sabia, porém, que estava num país avesso a esse tipo de liberdades. O cabo do mar, cioso do seu pequeno poder, abeirou-se da bela atriz, munido do seu caderninho de multas, e escreveu: «indecência». Entregou-lhe o papelinho e acompanhou-a até à recepção do Hotel Vasco da Gama, onde lhe foi explicado, em inglês, que havia sido multada por usar biquíni em público.

O valor da multa era comportável, apenas 2,5 escudos, ou vinte e cinco tostões, como era uso dizer-se na época. Na realidade, era inferior ao custo de um bilhete de cinema. Mas não era o preço da multa que mais importava. Era o vexame de ser multado. E nesse aspeto a atriz sentiu-se ofendida, sobretudo pelo atraso de mentalidades e pela falta de liberdade sentida no país.

O biquíni remonta à Antiguidade Clássica

Mas, será o biquíni tão assim recente como afirmam os designers da moda?

Não tenho a certeza se já existiria, ou não, no tempo dos romanos uma indumentária, talvez mais para uso desportivo do que recreativo, semelhante ao que hoje designamos por biquíni. Em frescos de Pompeia encontraram-se várias pinturas de mulheres a exercitarem-se num ginásio, praticando pugilato e luta greco-romana, usando apenas duas peças de couro para taparem as partes íntimas. Isto faz supor que as mulheres na antiguidade clássica já usavam algo semelhante aos biquínis modernos, certamente nos banhos públicos e saunas privadas, mas talvez também durante a prática dos diversos jogos e competições em que as mulheres tinham o direito de participar.

Este é um assunto que não domino, nem posso asseverar que o uso das duas peças de reduzido vestuário, a que chamamos hoje biquíni, era já usado na antiguidade. O que posso garantir é que na localidade de Piazza Armerina, na Sicília central, foi descoberta a vila



A jovem Brigitte Bardot, em 1953, na praia de Cannes, em biquíni.

imperial romana de Casale, com dezenas de mosaicos de uma beleza esplendorosa, retratando cenas da vida quotidiana no século IV depois de Cristo. Em alguns desses mosaicos vêm-se várias jovens romanas, usando apenas duas peças muito semelhantes ao atual biquíni. Neles se observa que algumas jovens estavam a praticar luta, creio que pugilato - uma modalidade desportiva de tradição olímpica - mas noutros parecem estar a desfilar num cortejo religioso, escoltadas por outras mulheres, cobertas com tecidos transparentes, que talvez fossem as intocáveis vestais.

Sem querer especular, julgo que algo semelhante ao biquíni já era usado na civilização romana pelas mulheres que frequentavam os banhos públicos, então designados por *Thermae* (de cujo étimo latino deriva a palavra Termas), sendo famosas em Roma as termas de Caracalla, de Nero, de Diocleciano, de Tito e de Trajano, frequentadas diariamente por milhares de patrícios de ambos os sexos, num cenário de majestosa beleza artística, rodeada de colunas e estátuas em mármore de Carrara. As termas públicas repartiam-se por diferentes espaços, para que os seus utentes usufruíssem de sucessivos estágios de temperatura nas águas. Assim, passavam primeiro pelo *Frigidarium*, onde os utentes se banhavam em água fria, passavam depois ao *Tepidarium*, de águas mornas, até chegarem ao *Caldarium* onde as águas quentes proporcionavam o relaxamento muscular. Associada ao uso medicinal da água e à sua fruição térmica, nasceu a ideia clássica do SPA, que mais não é do que uma sigla, cujo desdobramento significa *salus per aquam*, uma expressão latina que se traduz literalmente como «saúde pela água».

As mais ricas e poderosas famílias romanas, que se estabeleceram ao longo do imenso império, trataram de recriar nas suas villae residenciais um equipamento termal, de que ainda hoje subsistem restos arqueológicos visíveis um pouco por todo o nosso país.

Pela imagem do mosaico da Villa imperial romana de Piazza Armerina prova-se que na antiguidade clássica as mulheres usavam uma espécie de biquíni nas suas práticas físicas de ginásio, e, muito provavelmente, na natação. A diferença entre o passado e o presente, está na concepção e fruição do espaço da orla marítima que derivou na evolução dos tempos para o seu uso terapêutico e para o lazer. A talassoterapia, isto é, a frequência das praias para recuperação da saúde e tratamento de doenças, foi uma das maiores descobertas da medicina do século XIX. Mas, na centúria seguinte, a praia e o mar transformaram-se num espaço de lazer, convivência e divertimento, no qual o biquíni ainda hoje impera, apesar das alternativas, inclusivamente o naturalismo, não terem tido o sucesso que muitos auguravam.